

Senado Federal

24 JAN 2003

Disputa dentro do PMDB dificulta decisão sobre apoio ao governo

Maria Lúcia Delgado

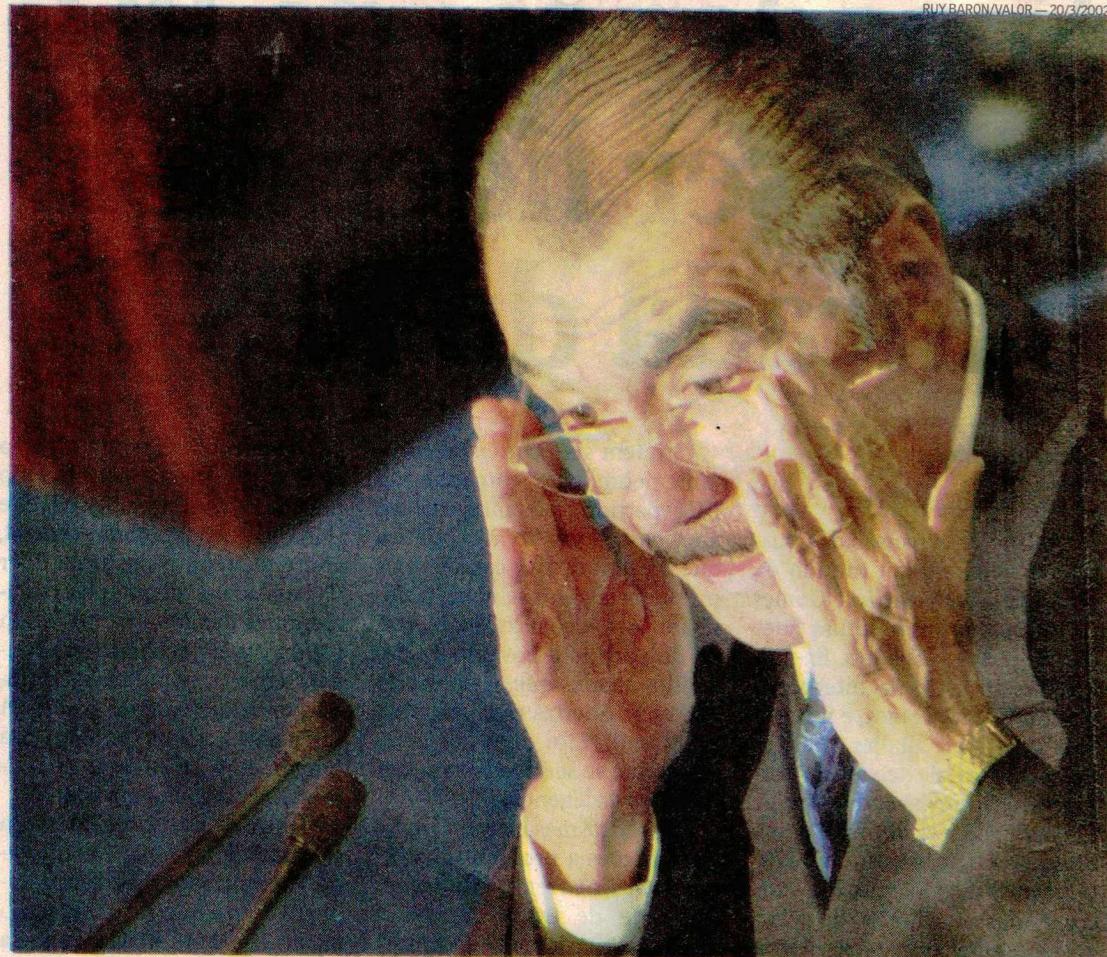
De Brasília

Apesar de a eleição do senador José Sarney (PMDB-AP) para a presidência do Senado já ser considerada irreversível no Congresso Nacional, o PMDB expôs mais uma vez ontem suas divergências internas e deu demonstrações suficientes de que ainda não há clima para uma unificação do partido. Há a expectativa de que a candidatura única de Sarney possa ser anunciada nesta sexta-feira, mas as duas alas do partido — a atual cúpula e os dissidentes, que apoiam o presidente Luiz Inácio Lula da Silva na eleição — continuam a brigar por espaços de poder na legenda e ainda não há consenso sobre a participação do PMDB na base de sustentação do governo.

Representantes das duas correntes do partido começaram a costurar ao longo da semana um acordo político para assegurar a candidatura única de Sarney e, em troca, a permanência do deputado Michel Temer (SP) na presidência do PMDB até setembro e do senador Renan Calheiros (AL) na liderança do Senado, até que o novo diretório nacional do partido seja eleito. Em setembro, Calheiros seria conduzido à presidência do PMDB, inclusive com apoio do Palácio do Planalto.

A ala dissidente do PMDB reagiu rapidamente. O ex-governador Orestes Quérzia, rival de Temer, defendeu a candidatura única de Sarney, mas avisou ontem que não existe acordo nestes termos. Quérzia não aceita a manutenção de Temer na presidência do PMDB até setembro e anunciou que está mantida a reunião dos dissidentes, em Brasília, no dia 30.

O Palácio do Planalto mais uma vez interferiu nos assuntos internos do PMDB. O ministro-chefe da Casa Civil, José Dirceu, telefonou para Quérzia para tentar convencê-lo a aceitar a permanência de Temer até setembro e, em seguida, a eleição de Calheiros. O grupo de Quérzia



RUY BARON/VALOR — 20/3/2002

Sarney: promessa de que governadores e dirigentes estaduais serão ouvidos para decidir sobre as lideranças no Congresso

ameça convocar uma convenção para o dia 16 de fevereiro e antecipar a eleição do diretório nacional.

Além da briga pela presidência do partido, um dos fatores mais importantes em jogo é a definição dos novos líderes na Câmara e no Senado. A atual cúpula incluiu no acordo a indicação do deputado Eunício Oliveira (CE) para a liderança da Câmara e do atual líder, Geddel Vieira Lima, para a primeira vice-presidência da Casa.

A loção do dia, pipocaram manifestações dos descontentes. O senador Pedro Simon (RS), que estava ontem na casa de praia no Sul, aviso que vai disputar a liderança do PMDB no Senado. Ele conversou por telefone com Quérzia, o gover-

nador do Paraná, Roberto Requião, e o senador Maguito Vilela (GO). "Eles não gostaram do acordo e o Quérzia confirmou nossa reunião no dia 30", disse Simon. Segundo o senador, toda a atual cúpula teria os espaços de poder preservados. "Não tem alteração nenhuma", disse. Na Câmara, o deputado Barbosa Neto (PMDB-GO) também disse que vai disputar a liderança da bancada com Eunício. "Eu mantendo minha candidatura", disse ele, não admitindo a inclusão das lideranças no acordo para a eleição de Sarney e a colocação de Calheiros na presidência do partido.

Michel Temer, acredita que as resistências ao acordo são locais. Segundo ele, seria fundamental fe-

char o acordo até hoje. Temer já admitiu que a definição dos líderes ficará a cargo das bancadas. Calheiros e Sarney sinalizaram, até o fim do dia, que o acordo está em andamento e não foi abortado. No entanto, admitiram dificuldades.

Sarney disse que não há "clima de luta", mas ponderou que "dificuldades surgem quando se busca a unidade". Ele informou que os governadores do PMDB e os dirigentes estaduais serão ouvidos para se tomar uma decisão sobre as lideranças. Calheiros mostrou otimismo, mas fez ponderações: "O acordo retira a hipótese de disputa (no Senado) e esperamos que ele se efetive até amanhã (hoje). Se não tiver acordo, haverá disputa".